

POEMAS FINALISTAS NOMEADOS PORTUGAL 2019

SIM, ERAM CASTANHEIROS

Sim, eram castanheiros. Bons gigantes.
Povoavam gravemente as encostas da serra
como se reinassem sobre elas um reinado
benevolente, mais antigo que a soma
dos séculos – vindos e por vir.

À generosa sombra estival dos castanheiros
descansámos, brincámos, namorámos,
fizemos tudo o que quisemos fazer,
digo: tudo o que precisava de ser feito
– e eles a sorrir para nós como um avô.

Depois, pelo Outono, os castanheiros
amorteciam-se, solidários com o resto do bosque,
mas não sem antes nos encher bolsos e boinas
do peso do seu fruto, com a simplicidade
com que oferecemos de beber a quem nos passa à porta.

Onde estão hoje os castanheiros
dessas impetuosas manhãs irrepetidas?
Gastaram-se: deram-nos a arena, a sombra e o fruto,
pedindo pouco em troca – e depois
alguém os abateu com seu machado.

Sim, eram castanheiros. Hoje são mobília,
tonéis, soalhos, traves que sustêm
telhados. Têm serventia mesmo mortos
os castanheiros que foram tanta vez
nossa segunda casa, ao lado das searas.

BABEL

E todos tinham uma língua igual
ciosamente amada por noites de luar,
por dias claros

Com ela nomeavam os sentidos
das coisas sem sentido antes de ser,
por ela se espelhavam na memória,
pois a memória era também de todos
e a todos preenchia o pensamento

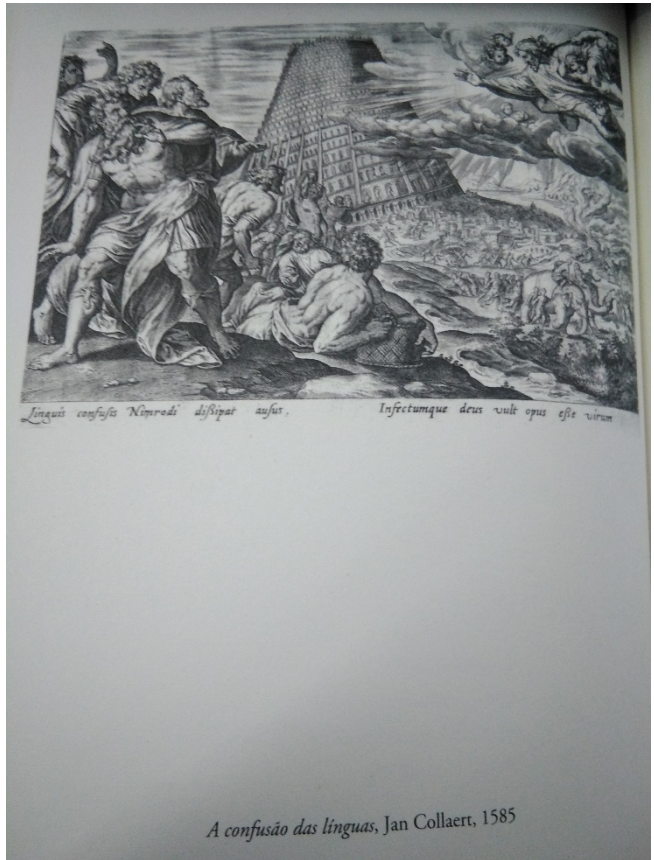
E se o céu era alto e eles fortes
no poder todo que a palavra dá,
e se o céu oferecia habitação
às aves e às nuvens e ao sol,
porque não conquistá-lo em desafio
profano?

Diz-se que a punição surgia precisa
em exacta medida para o crime,
que a confusão cresceu junto às palavras,
ensombrando o silêncio outrora amado,
descompassando os dias
e as coisas

Diz-se que a punição se cumpriu justa
no divino saber

Mas foi decerto
gesto de ciúme
talvez quem sabe afirmação de quem
já não tem demais céus

a conquistar



PROJECTO POLÍTICO 3: EL CORTE INGLÉS

O avô Mário e a avó Isabel traziam-nos muito a Vigo
quando éramos crianças.
Não me lembro de nada.
Só da lavanda puig.
Só dos caramelos.
Só de não haver nada em Portugal
e Vigo ter El Corte Inglés.
Ontem lembrei-me que, daqui, os avós me levaram
a minha primeira, e única, Barbie.
Era (se bem me lembro) a Barbie-Viagem.
Tinha uma saia de tule e, do avesso, de veludo travada
e na mão (se bem me lembro), a mala. A mala estava
(se bem me lembro) vazia, como sempre está
quando somos crianças.
O avô Mário morreu na véspera de Natal.
Lembro-me bem.
Eu tinha 16 anos e a mala começou a pesar.
Sei que fui feliz em Vigo dessa forma melhor:
a que nem precisamos de lembrar.

Filipa Leal, *Fósforos e metal sobre imitação de ser humano*, Assírio & Alvim, 2019, p. 59.

RISQUINHO OBSERVADO À LUPA

A vida
não é
um caminho
um resultado
esmagado
de um lado
pela escolha
e do outro
pela sorte
mas o lugar
grande
e variegado
onde as ondas
ondeiam
livremente
e os comboios
descarrilam
acidentalmente
e as linhas
alegremente
descarrilam
e um homem
espreita
por todos
os poros
o lugar grande
a terra florida
o moinho
de sombras
a terra minada
onde as flores
rebentam
e os homens
rebentam
o lugar grande
onde o homem
foi
ou não foi
equacionado

e vive
ainda que
empurrado
de um lado
pela escolha
e do outro
pela sorte
sobretudo
maior do que
a compreensão
disso
como se
o sentido
da vida
fosse apenas
coleccionar
as peças
inumeráveis
desse todo
tão grande
que tamanho
não tem
mas enfim
talvez te fosse
mais útil
outro risco
que não este
que encontre
esse outro
que existe
num sítio
tão neutro
como aqui
e desvenda
que alavanca
deves puxar
para acabar
com tudo.

E se fosse proibido abraçar

E se fosse proibido abraçar?
Não havia forma de partilhar,
Os sentimentos que despertam,
Quando a alma sente solidão
E quase para de bater o coração,
Quando as tristezas nos apertam.

Se o terno abraço fosse proibido,
Esse carinho por nós sentido,
Por não se poder demonstrar,
Ficava perdido entre a gente,
Nesse espaço onde não se sente,
Dois braços para nos apertar.

A criança que o medo acordou,
Do pesadelo que a despertou,
Ficava só para ali, a chorar.
Sem o colo que a aconchegava,
Sem a ternura que a consolava,
Por não ser permitido abraçar.

Ao amigo a quem se escreveu
Notícias da vida que aconteceu,
Numa carta, que ao terminar,
Apenas se escreviam desejos
Para a vida e seus ensejos
Mas um abraço não podia enviar.

Quando voltas ao fim da tarde
E o cansaço do dia te invade,
Desejas que alguém te abrace.
Mas se houvesse essa proibição,
Só te restava como solução
Sentares-te a esperar que passe.

E o mundo que está carente
De mais amor entre a gente
Que faça o sofrer parar.
Mesmo não havendo proibição,
Há muito que perdeu a noção
Que nos devemos abraçar.

AS GRANDES NOTÍCIAS

Veio o vento da montanha e trouxe notícias do meu filho - Ia a caminho de uma cidade longínqua.
Veio o vento da planície e trouxe notícias da minha filha - Ia a caminho de uma montanha a meio de uma cordilheira alta.

Veio o vento da montanha, da planície e da cidade e trouxe notícias prodigiosas da empresa de Steve Jobs e dos discursos de Hillary Clinton - segundo os próprios melhorariam o mundo em todos os quadrantes - mas eu só pensava nas magras feições do meu filho e no calçado impróprio da minha filha, sandálias finas sobre a relva gelada, e sem meias.

Veio o vento do deserto e trouxe notícias do exército de Bashar al-Assad e de milhares de desfigurados, formigas esmagadas entre escombros e venenos, uma tristeza. Eu deveria sentar-me a meditar sobre as leis da violência e a punição bíblicas nos mapas do Médio Oriente, eu deveria mas esses eram pensamentos vagos, sob a mão da vaga consciência - O que me preocupava era não saber se os meus filhos teriam perdido o avião, se não teria havido greve, nevoeiro, voos cruzados, documentação perdida. Ou, simplesmente, se não teriam ouvido o sinal do despertador oferecido pelo Natal.

Veio o vento da América e trouxe notícias do Cosmos pela voz de Barry Barish, ondas gravitacionais que irão substituir para sempre a mão de Deus no mistério do Universo - Fiquei surpresa, mas em vez de pensar na Terra tão pequena, azul, indefesa, presa por um cabelo invisível a uma estrela, à mercê desse capricho ondulatório inicial perguntava-me se acaso o kispo de Verão que o meu filho levava ao ombro seria forte o suficiente para enfrentar um Inverno frio. Mais indigno do que isso - Por que razão a minha filha naquele instante, não colocava um dedo sobre a tecla e não a comprimia para me dizer - Boa-noite.

A Humanidade é tão vasta quanto as ondas que há no Espaço, mas é para estas duas criaturas que vão os meus primeiros pensamentos - Meus filhos, magrinhos, mais pesados do que a História, a Actualidade e o Universo.

Não sei se Arquimedes mediu o equilíbrio desta alavanca, ou sequer se meditou sobre este ponto de apoio no eixo que levanta o Mundo.

Nesses poemas que ainda não escrevi, há mulheres que são refúgios, frondosas árvores que abrigam sem saberem se há ramos para as acolher. São sempre perdão antes da ofensa, dádiva antes de poderem receber. O seu coração é uma mesa farta ainda que o seu prato se esvazie. Sei de mulheres que amam sem serem especialmente olhadas. Elas escutam sempre, atentas, mesmo sem ser ouvidas. Cobrem na ruína qualquer infeliz e aconchegam os filhos como grandes águias. O seu grito contra o mal é forte como trovão. Os filhos crescem, sentem-nas, com eles ajoelham, oram e esperam. Têm a força de uma cascata e a suavidade das violetas que respiram na janela.

Lília Tavares, *Bailarinas de corda*, Poética Edições, 2019, p. 25.

estou em tantas esquinas do tempo
e do mundo que lhes perco o conto
e canso-me deveras
alimentando essa infinita narrativa,
devo ir ao hospital para uma endoscopia
mas às onze chega o electricista,
no elevador os vizinhos do trinta e seis
falam comigo meio em inglês e cantonense,
a parte em chinês não entendo nada mas sorrio,
esqueci-me de fazer a inspecção do carro
e vou pagar multa, e afinal tenho dois dias
para acabar as recensões,
colecciono filmes de autores de culto
como Jim Jarmusch e Jia Zhanke,
que pertence à sétima geração de cineastas
da Academia das Artes de Pequim
e herdei outras colecções, figurinhas japonesas
copulando em diversas poses, postais ilustrados,
moedas tailandesas e notas de Burma
e ainda catálogos de relógios antigos, canetas e moedas,
agora quase não me masturbo mas choro a horas certas
e quando algumas memórias de conversas sincopadas
e abruptamente interrompidas não voltam
à minha consciência obstinada,
prefiro dormir para esquecer tudo durante umas horas,
mas tudo volta, as conversas, as memórias
e as esquinas disso tudo
paradas diante de mim como se fossem sentinelas...

Esqueleto de manifesto a Mário Cesariny

oh tu Mário que nos deixaste aqui neste esterco secular a soltar os
cães à pátria e a comê-la às dentadas com privilégios de porcos e
os dedos na testa a afastar os cornos
oh tu capturado pelo alfabeto da loucura que não tens culpa ne-
nhuma de ser português
oh tu espectáculo quotidiano de fantochadas quotidianas que res-
piras nas grutas a tristeza da cobardia
oh tu forte inteligente e sábio cheio de saúde e quilómetros cor-
ridos: vai-te foder em frente à imagem de um santo António que
nunca te valeu de nada
oh tu que compras um monte no Alentejo para veres morrer o sol
no rosto da terra e depois te esqueces de abrir os olhos
oh tu que despedaças o coração dos outros para seres mais limpi-
nho e a seguir seguras com a mão a decadência do escroto
oh tu impotente oh tu faísca oh tu carne de outra carne que
nunca comungou uma queimadura
oh tu pálpebra oh tu pesponto de coisa nenhuma oh tu raça oh
tu álcool oh tu bife limpinho com o umbigo a escaldar oh tu pá-
tria oh tu ruína oh tu estrela que esqueces a virilidade na casa de
banho da tasca

oh tu disfarçado de velho a comer o mel nas caixas das abelhas oh
tu com o medo da morte a ver as exposições todas da Vasconcelos
oh tu de abóbora na cabeça a fingir de parvo oh tu subli-
me geração crème de la crème em apostas de quem é poeta
oh tu incêndio oh tu falanginha oh tu puta até à raiz do osso oh tu
corno de palmo e meio oh tu cona de serventia animal oh tu dança
oh tu pá que te esqueces da mulher em casa para foder outra
oh tu mudança oh tu pergaminho oh tu desordem oh tu labareda
oh tu marcha atrás do tempo oh tu genial hipócrita de mãozinhas
limpas oh tu música oh tu palavra oh tu corpo que de mão em
mão vais desfazendo as virilhas
oh tu nuance oh tu basta oh tu conselho nacional de cretinos oh tu rata
de sacristia oh tu mar salgado
oh tu oh tu oh tu Mário uma estaca no coração a servir de berço

oh tu Mário onde é que estás?

liberdade mais cruel

a minha liberdade sempre foi a mais cruel
a que deriva na alvorada
adormece ao relento
à beira da estrada, a da casa ocupada
a do amor inquieto
rebenta tudo pelo caminho
a esbanjadora
a minha liberdade sempre foi a mais cruel
explode em papel A2 dobrado em 3
diminui-se, martiriza-se
oprime-se, fragiliza-se
liberdade da diva frustrada
que não conta nada
além do arrepio brando do seu tamanco
de salto alto, ingénua canta
uma regra de régua e esquadro
de ecrã e teclado
é a liberdade da puta amedrontada
que sente tudo mas não sente nada
numa paranóia da encruzilhada
de pensamentos bloqueados na
vontade de ser recta e não incerta
ter um caminho considerado
aplaudido pelos vizinhos
compatriotas desconhecidos em terra alheia
ser pessoa, ser poeta
liberdade cruel e ausente
a mais frustrada
liberdade revoltada
que apenas nua existiria
exposta ao gatilho, à bala, à guilhotina
liberdade na balada, na insónia, no castigo
liberdade sem religião, nem cura nem terço, sem abrigo
liberdade de abraçar os demónios mais cruéis
porque o segredo da liberdade é deixá-los passar por aqui.

Raquel Lima, *Ingenuidade Inocência Ignorância*, BOCA, 2019, pp. 25, 26.

ser poeta é ser mais baixo

é acordar ensanguentado
ter no peito uma ferida que não cicatriza
uma ferida aberta a prenunciar uma crise poético-existencial
estar cansado de representar Portugal
e viver dentro de suas margens
estar aqui preso pelas raízes por mais que sejam as viagens
ter sede de infinito mas falta de coragem
ter um berro preso no papel e as garras cortadas, pintadas
não ter asas para voar como as princesas aladas
mas sim pesos nas pernas e arrastar-se em caminhadas
mergulhar em ocorrências recorrentes
ser pequeno e medíocre na sua insignificância
é perder a esperança a não ser em palavras
a não ser em folhas lavradas com estrume
ceifadas ao lume de mais um cigarro
é dissolver-se em catarro
cuspir letras no seu desejo de ser alto
e não ter força para dar esse salto
estar em frente à televisão à procura de temas
viver dilemas sobre o passo de rima
é ser contemporâneo, falar sobre a Síria sem saber um catano
ser apolítico sem deixar de ser humano
é fazer colagens, clonagens, citações, reproduções
ser kamicaze poético, não querer ser eclético
e não te amar assim tão loucamente
não suportar o silêncio nem os aplausos, nem as condolências
nem os elogios feitos de eloquência, é estar cansado

e é odiar-te assim, perdidamente
e é escrever mais um poema inconsequente
e vir lê-lo ao palco a toda a gente

ser poeta é ser mais baixo
mas querer ser famoso e parecer
à espera de ser entrevistado
polemizar por falar mal do poeta ao lado
não ter medo de ser crucificado, ou cometer suicídio um dia
na esperança de dar uma boa biografia
é ser *best-seller* por escrever poemas numa semana
a falar sobre a Muralha da China
garantir assim milhões de vendas em bombas de gasolina
ter livros no CTT, na CP e no metropolitano
garantir-se lusitano como Camões e ambicionar ser Pessoa
é escrever versos à toa e tentar ter piada
subir ao palco de papel na mão e língua afiada
é dizer palavrões, dar empurrões e andar contra a corrente
sem sair da zona de conforto
querer ser aplaudido depois de morto

ganhar direitos de autor e escrever sem amor
não sentir na garganta o suor do trabalho
ser impostor sem ser anónimo
mas assinar com pseudónimo e, sessões de autógrafos
alimentar o ego a copos de vinho em vernissages
lamber o ego de quem critica
não escrever para quem vai mas para quem fica
sonhar mas sem saber
e escrever para esquecer

e é odiar-se assim, perdidamente
e é escrever mais um poema incosequente
e vir lê-lo ao palco para toda a gente

Raquel Lima, *Ingenuidade Inocência Ignorância*, BOCA, 2019, pp. 59-61.